PLACAR
SÉRIE GRANDES ÍDOLOS 1
EDITORA ABRIL
JUNHO/91
Cr$ 800,00
RICARDO ROCHA
A história
do líder do São Paulo
campeão brasileiro
Na entrevista:
"Não perco para nenhum
zagueiro no mundo"
Superposter do craque
para você colecionar

A PEDRA NO CAMINHO

O quarto-zagueiro se tornou imbatível durante o Brasileiro e agora promete brilhar na Seleção

Por PAULO COELHO

No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. Intransponível para qualquer atacante, o zagueiro Ricardo Rocha se tornou o líder do São Paulo na campanha do Brasileiro de 1991. "A presença de Ricardo foi fundamental para a conquista do título", reconhece o técnico Telê Santana. Ao final de cada preleção, o zagueiro continuava falando com os companheiros, pedindo raça e determinação. "Suas palavras contagiaram o grupo", conta o ponta Rinaldo, um dos maiores amigos do jogador fora de campo.

Mas quem aborda o cidadão Ricardo Roberto Barreto da Rocha em uma rua qualquer de São Paulo e conhece seu temperamento na defesa tricolor pode levar um susto. Em vez do gênio explosivo e da liderança natural demonstrados nos gramados, o que se vê é um homem tranqüilo e extremamente atencioso. "Ele é, em casa, o inverso do que parece em campo", conta a mulher, Marta Cristina, espantada, ao contrário da maioria, com o comportamento do marido em sua vida profissional.

Com a camisa tricolor, no entanto, esse pernambucano de 28 anos se transforma. Acima do futebol e do reconhecido talento, a vibração de Ricardo Rocha o fez ídolo da torcida. Dando carrinhos e aplicando-se de maneira incomum, ele conduziu os companheiros nas finais do Brasileiro, contra o Bragantino. Deixou claro que apenas talento não é suficiente para se chegar à vitória. Nos treinamentos, ele é um dos mais esforçados e se tornou um exemplo de condicionamento físico para o elenco. Sua forma, no entanto, não era satisfatória quando o preparador físico Moraci Santana chegou ao clube, no segundo semestre de 1990. Naquela época, vindo de uma passagem frustrada pelo futebol português, onde ficou um bom tempo parado, ele foi obrigado a passar por uma bateria de exercícios até atingir o auge. "Hoje ele puxa os companheiros para os trabalhos físicos e auxilia na preparação do elenco de um modo geral", conta Moraci.

RICARDO CORREA

Com a bola dominada, ele também soube levar o São Paulo ao ataque

Essa obstinação, porém, vem desde os tempos dos juniores do Santo Amaro, quando era obrigado a andar 8 km entre os bairros de São Martim, onde morava, e Biribeira, somente para poder treinar. Mas as pedras no caminho não paravam por aí. A falta de condições do clube obrigava os jogadores a treinarem descalços e sem nenhuma infra-estrutura.

Em casa, a situação era ainda mais complicada. Os salários de faxineira da mãe, Maria Laurizete, e de advogado do pai, Raimundo — que passou parte de sua infância sem emprego —, não eram suficientes para cobrir as despesas. A família, que ainda incluía três irmãos, tinha que se espremer em uma pequena casa com os tios e primos. "Éramos cerca de quinze pessoas acomodadas em dois quartos e uma sala", lembra.

Assim, nem a obstinação de Ricardo o livrou de quase abandonar a carreira, ainda nos juniores do Santo Amaro. Isso só não aconteceu graças à interferência de seu técnico na época, Jonas Belo. "Consegui convencê-lo de que tinha futebol para chegar onde chegou", afirma o ex-treinador. Pouco depois, Belo assumia o time principal do Santo Amaro e promovia Ricardo à equipe, jogando como lateral-direito. Em seguida chegava ao Santa Cruz, trocado por um jogo de camisas e algumas bolas velhas.

A determinação, porém, voltaria a ser necessária em 1988, quando se transferiu para o Sporting Lisboa ao lado de outros brasileiros, como Silas e Douglas, além do goleiro uruguaio Rodolfo Rodriguez. O clube de Lisboa não efetuou o pagamento ao

FESTA DE CAMPEÃO
Ricardo comemora o seu principal título (*abaixo*), depois de parar o Braga

RICARDO CORREA

UM MARCADOR IMPLACÁVEL
Especialista em desarmar os adversários com precisos carrinhos (*ao lado*), o zagueiro ainda sabe usar a malícia para marcá-los (*abaixo*)

ARI GOMES

EDU GARCIA

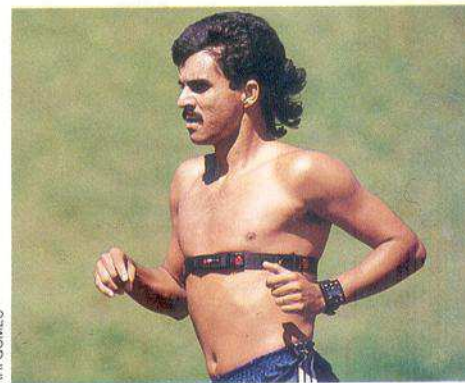
Guarani e obrigou o zagueiro a ficar seis meses sem jogar. De volta aos campos, o problema foi conseguir receber os salários, que atrasavam para todo o elenco. ''A cada mês Rodolfo Rodriguez levava um bolo para comemorar mais 30 dias sem pagamento'', recorda. ''Os dirigentes vinham, comiam o bolo e continuávamos sem ver o dinheiro'', conta, irônico. Até hoje o Sporting lhe deve cerca de 200 mil dólares.

Essa passagem frustrada pelo futebol do exterior, se não lhe dá receio de voltar à Europa, pelo menos o faz ter critérios diferentes para a escolha do clube. ''Só quero voltar se puder brigar por títulos ou disputar torneios continentais'', proclama. Hoje, no entanto, Ricardo evita se preocupar com possíveis transferências, principalmente depois do fracasso de sua venda para a Fiorentina, no ano passado, logo após a Copa do Mundo da Itália. Já havia sido assinado um pré-contrato, mas os dirigentes italianos acharam melhor não concretizar a negociação. O tempo perdido atrapalhou também sua venda para a Roma, que tinha interesse em contratá-lo.

''O fim das negociações o deixou muito triste'', conta Marta Cristina. Mas recuperar-se de frustrações é outra das características de Ricardo. Foi assim quando morreu seu pai, em dezembro de 1989. ''O estado em que ele ficou me deu a impressão de que não se recuperaria'', lembra Marta. ''Em pouco tempo, no entanto, ele deu a volta por cima.''

Tudo graças a uma dedicação capaz de cativar seu ex-técnico e hoje amigo Carlos Alberto Silva. ''Independente de ser um grande profissional, ele é uma pessoa muito fácil de se lidar'', elogia Carlos Alberto, que, apesar de ter visto os maiores zagueiros do mundo em ação, só admite comparar Ricardo Rocha ao bicampeão mundial Mauro Ramos de Oliveira. E reforça uma certeza até hoje só manifestada pelos torcedores são-paulinos: ''Ricardo Rocha é o melhor zagueiro do mundo''.

Becão gozador

Além de ser um líder dentro do elenco, Ricardo Rocha é também um gozador entre os jogadores são-paulinos. O mais visado é seu companheiro de zaga, Antônio Carlos. "Juntos formamos a dupla café com leite", costuma brincar Ricardo. "Eu sou o leite, docinho e gostoso. Ele é o café, amargo e muito feio."

ARI GOMES

O bom atleta

Somente um bom condicionamento pode permitir que um zagueiro brilhe: Ricardo Rocha tem a capacidade de correr 15 km, em média, durante uma hora. Trata-se do "limiar aeróbico" do jogador, que, segundo o estudo dos preparadores físicos do São Paulo, o coloca entre os jogadores de maior fôlego do grupo.

ARI GOMES

Bola de Ouro

A derrota para o Vasco no Brasileiro de 1989 não tirou a Bola de Ouro do zagueiro. Com a média de 7,26 em dezesseis partidas, Ricardo superou meias, como seus companheiros Raí e Bobô, e atacantes, como o vascaíno Bismarck.

NELSON COELHO

UM ZAGUEIRO NOTA 10
No Pré-Olímpico, em 1987, Ricardo vestiu a camisa de Pelé

SERGIO BEREZOVSKY

A CONSAGRAÇÃO DEFINITIVA
A partir do Pan, em 1987: nome sempre chamado

CERTEZA DE SEGURANÇA

O pai previu e hoje Ricardo é um nome certo em qualquer convocação

"Meu filho é Seleção Brasileira." A frase dita em tom profético por Raimundo Barreto da Rocha Neto — pai de Ricardo Rocha —, no início da década de 80, era encarada como piada por parentes e amigos. Poucas palavras, porém, ficaram tão marcadas na trajetória do jogador quanto essas. Em 1987, aos 24 anos, Ricardo estreava na Seleção em um amistoso contra o Uruguai, na fase de preparação para o torneio Pré-Olímpico. No mês seguinte, com a conquista da vaga para os Jogos Olímpicos, ele se consagrava com um privilégio jamais vivido anteriormente por um zagueiro: vestir a camisa 10.

De lá para cá, sua presença na defesa tornou-se obrigatória. Ainda em 1987, Ricardo conquistou o Pan-Americano de Indianápolis, a Copa Stanley Rous, contra Inglaterra e Escócia, e, até se transferir para Portugal, esteve presente em todas as convocações. Na volta da Europa, disputou as Eliminatórias e foi um dos destaques na Copa do Mundo da Itália, apesar da má campanha da Seleção.

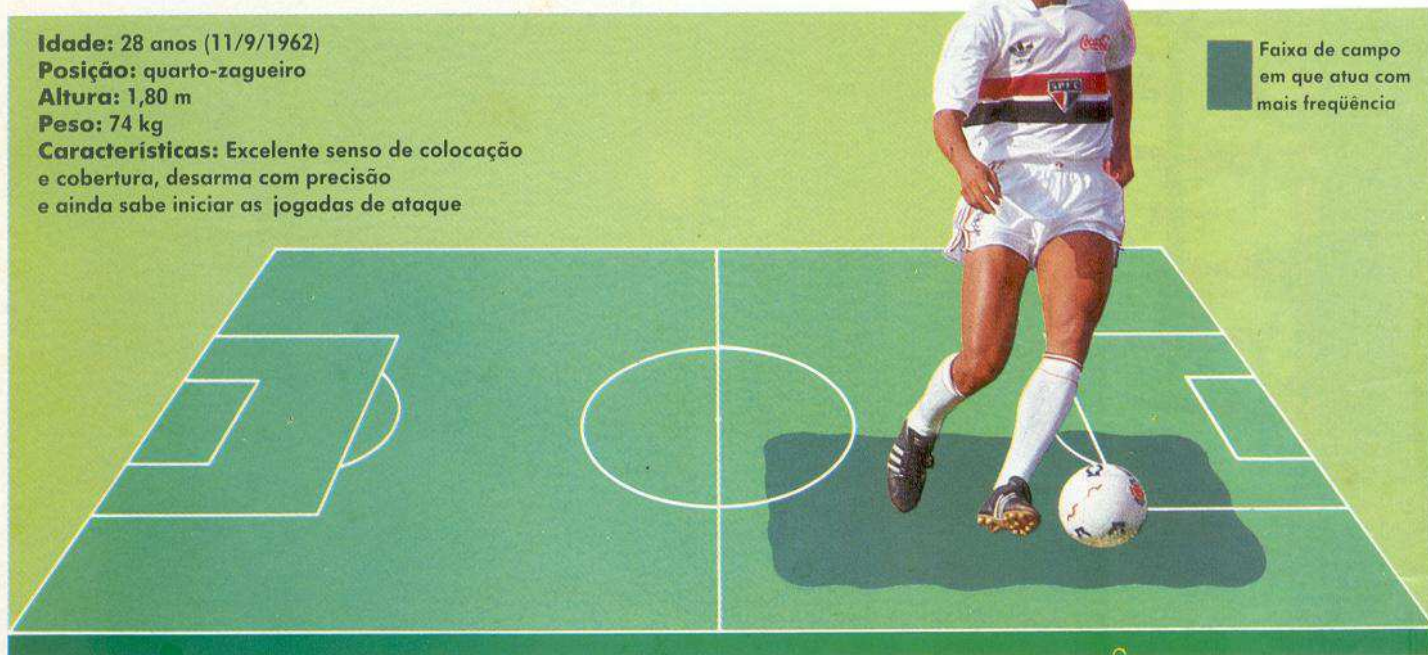
Afastado das primeiras convocações de Paulo Roberto Falcão, ele voltou na partida contra a Argentina deixando uma certeza para os torcedores: independente dos resultados, só é preciso fazer ajustes no ataque. Na defesa não há problemas. Lá está Ricardo Rocha.

RICARDO CORREA

PEDRO MARTINELLI

POSIÇÃO SE GANHA NO CAMPO
Mesmo sofrendo a resistência do treinador nos amistosos, Ricardo ganhou a posição na Copa do Mundo da Itália, após o jogo contra a Escócia, e se tornou um dos poucos destaques da Seleção na apagada campanha do time de Sebastião Lazaroni

Idade: 28 anos (11/9/1962)
Posição: quarto-zagueiro
Altura: 1,80 m
Peso: 74 kg
Características: Excelente senso de colocação e cobertura, desarma com precisão e ainda sabe iniciar as jogadas de ataque

Faixa de campo em que atua com mais freqüência

FORA DE CAMPO

Com a mulher Marta Cristina e os filhos Rafaela e Ricardo: pai exemplar

NELSON COELHO

Além de ser um zagueiro fora de série, Ricardo Rocha é também um filho extremamente dedicado. Desde a morte de seu pai, em 1989, suas atenções se voltaram completamente para a mãe, Maria Laurizete, que hoje mora em um apartamento no bairro de Boa Viagem, no Recife. Além desse apartamento, Ricardo tem outro em Perdizes, na Zona Oeste de São Paulo, para onde se mudou há cerca de dois meses com os filhos Rafaela, de 6 anos, e Ricardo, de 5, além da mulher Marta Cristina, que se gaba do marido que tem: "Ele é um pai sensacional e um marido muito atencioso".

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Reportagem: Paulo Coelho
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramação: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

REVELADO EM OUTRO TRICOLOR

O título pernambucano de 1983 pelo Santa Cruz lançou o craque para uma trajetória de sucesso

Cinco títulos, três vice-campeonatos brasileiros e diversas passagens pela Seleção Brasileira. Somente isso já seria motivo de orgulho para qualquer jogador de futebol, por mais fácil que tivesse sido sua trajetória. Para Ricardo Rocha, no entanto, a vaidade deve ser ainda maior. Basta lembrar as dificuldades enfrentadas no início da carreira no modesto Santo Amaro do Recife e analisar sua longa caminhada até se tornar um dos mais completos zagueiros do futebol mundial.

No Santo Amaro, onde começou em 1980, Ricardo permaneceu apenas um ano, transferindo-se em seguida para o Santa Cruz. Ali, passou a chamar a atenção dos grandes clubes do país, principalmente depois do título pernambucano de 1983, quando atuava na lateral-direita, sob o comando do técnico Carlos Alberto Silva.

O próprio treinador acabou indicando seu nome ao Guarani, onde chegou em 1985, ainda como lateral. Em Campinas veio a consagração definitiva. Depois do quarto lugar no Paulistão daquele ano, Ricardo transferiu-se para a quarta-zaga, chegando em seguida à Seleção e a dois vice-campeonatos: o Brasileiro de 1986 e o Paulista de 1988. Nesse mesmo ano, recebeu uma proposta do Sporting Lisboa e rumou para o futebol português.

A frustrante passagem por Portugal, em vez de desmotivá-lo, acabou lhe trazendo mais alegrias. Em 1989, o zagueiro foi contratado pelo São Paulo e chegou ao título paulista, que, ao lado do Brasileiro de 1991, do Pernambucano de 1983 e do Pan-Americano e da Taça Stanley Rous de 1987, pela Seleção, forma a sua galeria de títulos.

NELSON COELHO

VITÓRIA NO BRASILEIRO Com muita liderança e um futebol impecável, ele se tornou campeão no São Paulo

A PRIMEIRA CONQUISTA

NELSON COELHO

Ainda como lateral-direito, Ricardo Rocha surge no Santa Cruz e conhece o treinador Carlos Alberto Silva

A DESCOBERTA DA POSIÇÃO

ORLANDO KISSNER

No Guarani, se transforma em quarto-zagueiro e chega a dois vice-campeonatos: 1986 e 1988

DECEPÇÃO NA EUROPA

ABRIL

Em Portugal, acabou num Sporting falido: ficou seis meses sem jogar e voltou sem receber seu dinheiro

A PALAVRA QUE OS JOGADORES ESCUTAM

Em qualquer campo que entre, Ricardo mantém a mesma postura decidida e confiante. Sua voz é sempre a mais ouvida e respeitada pelos companheiros. Descubra você também por quê

PLACAR — *Depois de dois vice-campeonatos brasileiros, o São Paulo chegou ao título este ano. O que mudou na equipe de 1991 em relação a 1989 e 1990?*

RICARDO — Este ano o time mostrou muita união. Uma união, aliás, que sempre houve no São Paulo e falta a outros clubes. Em 1989, apesar dessa qualidade, a equipe estava cansada, devido às finais do Campeonato Paulista e à necessidade de vencer jogos seguidos depois de iniciar mal o Brasileiro. Em 1990, apesar de eu ter participado de poucos jogos, acho que só faltou experiência.

PLACAR — *Comentou-se muito que você teve problemas com Telê Santana em 1990. O que mudou no relacionamento com o técnico este ano?*

RICARDO — Nunca briguei com ele. Telê apenas achou melhor não me colocar na equipe nas finais do Brasileiro de 1990, porque eu voltava de uma contusão e, segundo ele, não tinha condições físicas ideais. Eu, porém, acho que poderia jogar.

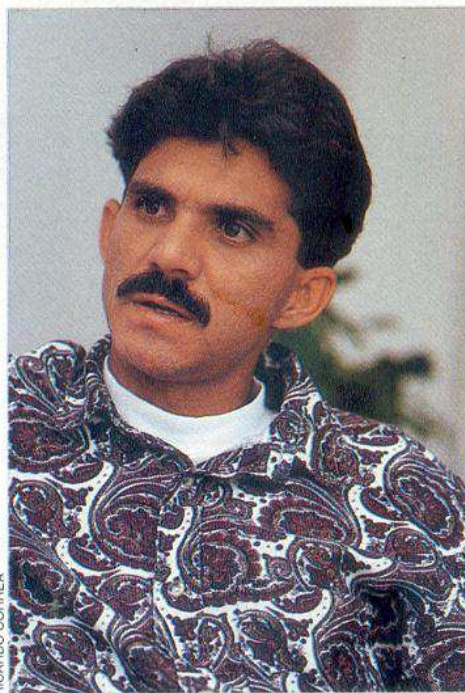
PLACAR — *Durante o Campeonato Brasileiro, Antônio Carlos teve um crescimento muito grande. Você se julga responsável por isso?*

RICARDO — Procuro orientar não apenas Antônio Carlos mas todos os jogadores mais novos. Dou dicas sobre como se comportar dentro e fora de campo. Quando estamos jogando, grito bastante, procurando incentivá-los. Nesse sentido, posso ter uma parcela de responsabilidade na sua evolução.

PLACAR — *Qual o melhor clube em que você já jogou?*

RICARDO — Sem dúvida o São Paulo. Lá existe toda a tranqüilidade para trabalhar, ao contrário dos outros grandes clubes do Estado. Isso poderia até servir para acomodar os jogadores, mas exatamente aí está a maior qualidade do clube. Existe um regime muito profissional e os jogadores são os primeiros a levar o trabalho a sério.

PLACAR — *Em poucos meses em Portugal, você viveu muitos problemas. Jogar na Europa é hoje uma ilusão dos brasileiros?*

RICARDO — Não. A estrutura do fubebol europeu é muito melhor que a nossa. Basta olhar o público da decisão do Campeonato Brasileiro: 12 mil pessoas, é uma vergonha! Por isso, é vantajosa uma transferência para a Europa.

RICARDO CORREA

"Na Seleção, disse ao Neto que ele gritaria com os companheiros do meio para a frente. Eu faria o mesmo na defesa"

PLACAR — *Essas dificuldades em Portugal lhe dão algum receio de voltar à Europa?*

RICARDO — Não, mas hoje só vou se houver uma compensação financeira muito grande e tiver condições de lutar por títulos ou, pelo menos, por uma vaga na Copa da UEFA. Apesar da melhor estrutura, preciso de outros estímulos para continuar motivado.

PLACAR — *Você se diz obcecado pela vitória. O comportamento da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, que segundo muitos estava mais interessada em dinheiro, o deixou frustrado?*

RICARDO — Não houve interesse excessivo por dinheiro. Houve, isto sim, falta de união entre o grupo. Não existia um objetivo comum na equipe para chegar ao título. Faltou à Seleção o que sobra ao São Paulo. Sob esse aspecto, fiquei realmente frustrado.

PLACAR — *Qual o atacante que lhe deu mais trabalho para ser marcado?*

RICARDO — Os dois Carecas, o do Napoli e o do Atalanta, são muito difíceis de serem marcados. São atacantes que se deslocam, voltam para buscar a bola e atrapalham o trabalho de qualquer zagueiro. Entre os estrangeiros eu citaria Lineker, que marquei na Taça Stanley Rous, em 1987.

PLACAR — *Antes de uma partida recente da Seleção, você e Neto fizeram uma espécie de acordo de lideranças. Do meio-campo para trás mandaria você. Na frente, o líder seria Neto. Essa é a receita para administrar o relacionamento entre estrelas?*

RICARDO — Disse a Neto que ele deveria gritar com os companheiros e fazer seu jogo aparecer do meio-campo para a frente, para tentar contagiar a equipe. Eu faria o mesmo na defesa. Mas não foi exatamente um acordo. Acho apenas que quem gosta de gritar tem que gritar em campo.

PLACAR — *Como você se enquadra em um ranking dos melhores zagueiros do mundo?*

RICARDO — Vejo muita gente elogiar demasiadamente alguns jogadores que, sinceramente, não têm tanta qualidade. Por isso, não acredito que esteja em desvantagem em relação a qualquer outro zagueiro do mundo. Há grandes jogadores na posição, mas, se não estou à frente dos melhores, pelo menos não perco para nenhum deles.

RICARDO ROCHA

São Paulo

PLACAR

RICARDO CORREA

A FORÇA TOTAL DE
GILTON SANTE-Ú, C